

A subjetivação política de jovens: um estudo de caso¹

The youth political subjectivity: a case study

Beatriz da Silva Mattos; Amana Rocha Mattos

Universidade do Estado do Rio Janeiro.

RESUMO:

Neste artigo analisamos a militância e o apoio de jovens a um candidato a prefeito na cidade do Rio de Janeiro, nas eleições de 2012. Partindo da noção de subjetivação política, examinamos inicialmente as experiências resultantes das relações entre juventude e política no contemporâneo. Em seguida, dialogamos o enquadramento teórico exposto com o material colhido em entrevistas semi-estruturadas com três jovens militantes da campanha eleitoral. Tal articulação visa discutir os sentidos que os jovens militantes dessa campanha atribuíram às suas ações, uma vez que este coletivo os afetou como estratégia mobilizatória e atrativa para apostarem no desejo de mudança da realidade. Concluímos que esse processo eleitoral representou uma possibilidade de renovação do quadro político vigente e que os jovens movidos pelo desejo de transformação da sociedade se engajaram nesse projeto político coletivo.

Palavras-chave: participação política juvenil; campanha eleitoral; subjetivação política.

ABSTRACT:

In this article we analyze the militancy and support of youth to a mayoral candidate in the city of Rio de Janeiro, in 2012 elections. Following the concept of political subjectivity, we examined initially the resulting experiences of the relationship between youth and politics in the contemporary. Then, we dialogued the above theoretical framework with the material collected in semi-structured interviews with three young activists of the election campaign. Such articulation has the objective to discuss the meanings that young militants of this campaign attributed to their actions, once this collective affected them as mobilizing and attractive strategy to bet in the desire to change reality. We conclude that this election represented a possibility of renewal of the existing policy framework and that young people driven by the desire of transforming society engaged in collective political project.

Key-words: behavior politics young; election campaign; subjectivity political.

Introdução

O foco de discussão deste artigo é a participação política de jovens, no contemporâneo, a partir da análise da contribuição desse segmento na campanha eleitoral de 2012 do candidato Marcelo Freixo para prefeito do Rio de Janeiro, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Destacamos que esse processo foi marcado pela intensa presença da juventude na sua construção, bem como seu caráter

subjetivante. A população dessa cidade viu a retomada do potencial político juvenil nessas eleições, uma vez que as atividades da campanha contaram com milhares de jovens no seu desenho.

O reflexo desse momento nos ânimos da juventude carioca aponta a importância de discutir o entrelaçamento do subjetivo com o político a partir de entrevistas semi-estruturadas com três jovens adultos que fizeram parte dos comitês voluntários formados durante esse processo eleitoral para apoiar e promover a campanha.

Diversos autores (CASTRO, 2008, 2009; MISCHÉ, 1997; NETO, 2006; BUTLER, PRINCESWAL, 2012) trabalham para a desconstrução da ideia restrita de fazer política, ampliando-a a fim de pensá-la de outras formas, que condizem com as demandas dos tempos atuais, com a proposta de apreender esta participação como uma mudança no modo de se posicionar frente ao destino comum. Como afirma Castro (2008: 255), “o processo de subjetivação política pauta-se por experiências que levam os jovens a interrogarem-se sobre o que está inadequado e difícil na convivência humana ao seu redor.”. Possibilitar que os próprios jovens se questionem sobre suas condições de vida, suas relações e através de um passo maior, as condições sociais, culturais e políticas em que estão inseridos, não constitui tarefa fácil, pois são muitas as dificuldades que se interpõem a este propósito. As lógicas que imperam ao longo de todo processo de democratização do Brasil carregam o peso de elementos enraizados na história do país como o clientelismo, o autoritarismo de Estado e a hierarquia naturalizada, que contribuem para o desinteresse dos jovens na política institucionalizada e desmobilizam esse público a se aproximar das questões comuns de sua sociedade.

O objetivo principal do nosso trabalho é discutir as motivações dos participantes da pesquisa para militar nesta candidatura. Assim, a partir das entrevistas semiestruturadas com três jovens, analisamos os fatores que impulsionaram os jovens em questão a se engajarem nessa campanha. Fazemos a contextualização dessas entrevistas trazendo reportagens e materiais divulgados na grande mídia e em websites ligados ao candidato e ao seu partido, em articulação com o enquadramento teórico proposto.

Os processos de subjetivação podem ser interpretados como produção de sentidos, de modos de existir, que são engendrados por interações heterogêneas. O que nos interessa aqui são os agenciamentos que produzem subjetivações políticas, que

seriam pessoas, relações, grupos, mídias, práticas culturais e artísticas, que concorrem para incitar os indivíduos em geral a tornarem-se concernidos com as questões da coletividade, de modo que possibilitem o engajamento concreto em ações e movimentos com os outros, propiciando novas determinações e fluxos dentro da sociedade. Desse modo, o que sobressai são as relações entre juventude e política na contemporaneidade, quando o que era visto como “problema do outro” passa a ser sentido também como responsabilidade própria.

Considerações sobre participação política juvenil no contemporâneo

A discussão sobre juventude e política no contemporâneo aborda a mudança na forma de se engajar desse segmento. Jovens manifestam uma disposição para ocupar outros lugares no cenário político atual que rompem com o que lhes é designado pela hierarquia geracional, pelo sistema educacional e representativo atuante. “A experiência da juventude se traduz de maneira diferente em função do meio social e familiar, do meio escolar e do lugar em que se vive” (PLEYERS, 2012: 11). Dessa forma, pensar a participação política dos jovens atualmente implica olhar para as variações do fazer político e, principalmente, para os múltiplos sentidos que estes jovens lhes atribuem. Então, como Pleyers (2012) pontua, alguns sentem-se convocados a participar da política de maneira inovadora enquanto outros se engajam de forma tradicional e são atraídos por espaços mais conservadores.

Em consonância com esta assertiva, alguns autores (CASTRO, MATTOS, 2009; BUTLER, PRINCESWAL, 2012; BALARDINI, 2005; CASTRO, 2008; CASTRO, PÉREZ, SILVA, 2010) irão analisar e discutir ações políticas juvenis em diferentes esferas da vida, bem como o processo de vinculação dos sujeitos a essas atividades, a fim de desnaturalizar o entendimento comum de que jovens e política são temas distantes, e que esta relação estaria cada vez mais precária. Para tanto, seus trabalhos levam em conta as lógicas de ação e a subjetividade dos atores como aspectos fundamentais para se compreender a ação militante na sociedade em favor de causas comuns.

Uma das constatações feitas nesses estudos foi a de que este público, atualmente, está envolvido em espaços de participação distintos daqueles dos modos mais tradicionais de engajamento político. Da mesma forma, as temáticas abordadas, as causas abraçadas e as ferramentas utilizadas para organização e o próprio arranjo adotado diferem dos de outras gerações. De acordo com Castro e Mattos (2009: 794),

“os estudos brasileiros que em momentos anteriores analisaram a ação política dos jovens debruçaram-se sobre a sua atuação como estudante, principalmente universitário, e nesse lugar o jovem foi considerado ator político legítimo (...)”. Sustentado nesse papel, o jovem era ouvido nos espaços públicos constituídos. A identidade de estudante, a nível nacional, centralizou os desejos de oposição e a radicalização política no período da ditadura militar e serviu como um norte ao orientar as ações dos jovens. Desse modo, era o movimento estudantil que tinha o monopólio da mobilização política da juventude. Naquela época, nos anos 1960 e 1970, os espaços universitários concentravam uma variedade de vivências, que hoje se experimenta em diferentes espaços, ocasionando uma dispersão própria dos tempos atuais.

Certamente, hoje há novas possibilidades de luta pela transformação do presente, “que põem em curso demandas de transformação social a partir de rupturas de ‘baixo para cima’(...) deslocando o político para as margens do que é convencionalmente concebido como tal” (CASTRO, 2008: 254). No entanto, para muitos, política ainda significa somente processo eleitoral, sistema representativo, partidos políticos e traz junto com isso um desencanto geral e certa desilusão com o fortalecimento da democracia, uma vez que seus representantes teriam falhado em cumprir promessas de superar os problemas sociais, o clientelismo e a corrupção. O processo de transição democrática no Brasil e o retorno às instituições básicas da democracia trouxeram a esperança de resolução dos problemas de exclusão e desigualdade social. No entanto, a sociedade brasileira vivenciou o agravamento dessas problemáticas. Assim, o desinteresse dos jovens nas organizações políticas pode ser lido como desconfiança em relação a estas mesmas instituições. A aparente apatia dos jovens e sua “falta de participação” demonstram um sentimento de descrença na política institucionalizada que afeta todas as faixas da população (BUTLER, PRINCESWAL, 2012; MAYORGA *et al*, 2012).

Diversos pesquisadores (CASTRO, MATTOS, 2009; BALARDINI, 2005; CASTRO, 2008; CASTRO, PÉREZ, SILVA, 2010; MENEZES, COSTA, 2012; NOVAES, 2006) entendem que é fundamental estudar grupos de jovens que não se organizam de acordo com os moldes políticos tradicionais, buscando conhecer seus modos de atuação no espaço público e atentar para seus efeitos políticos em configurações marcadas pela exclusão e pela violência. Eles estão interessados em não cair no extremo de afirmar que os jovens estão inertes frente às questões coletivas, e

sim em reconhecer, na experiência do cotidiano, as formas de ação política que aí se ensejam.

Precisamos desvincular nossos olhares para as atividades políticas que vivenciamos daqueles que vislumbraram a abertura política na década de 1980 ligada à esquerda tradicional, uma vez que, atualmente, os arranjos e as insatisfações são outros. A retomada do debate político com forte presença da juventude se processa de modo indeciso e polivalente. Como discutem Castro e Mattos (2009), os aspectos subjetivos do envolvimento dos jovens pesquisados com a política são repletos de nuances, e suas ações estão atreladas a identificações com o grupo social mais amplo, às contingências, à valorização da ação no presente, bem como ao despertar do sentimento de responsabilidade frente ao destino comum, incitando-os a fazer algo de concreto.

Interpretamos a participação política dos jovens nas suas diversas roupagens como mais um balizador no processo de construção de si, bem como a participação escolar, em grupos de pares, no local de moradia, entre outros. O processo de aproximação com o campo da política se dá a partir de movimentos hesitantes e de conhecimento das propostas, até culminar em um engajamento a um projeto coletivo. Trata-se de lançar-se sobre o desconhecido, a fim de apostar em identificações extrafamiliares. Assim, localizamos nesses ensaios a figura de um outro que atua mediando a aproximação do jovem com questões relativas ao convívio social e à cidade. Esse movimento em direção a ações políticas pode ser facilitado por escolhas identificatórias com pessoas que acenam com outros valores e experiências que provocam no jovem o desejo de viver o novo.

Dessa maneira, o interesse pela política emerge no cotidiano e é no dia a dia que encontraremos suas variadas expressões e os fatores que sustentam esse agir. O envolvimento com o campo da política possui uma potencialidade ímpar, o agir no presente, constante nas pesquisas realizadas nos diversos trabalhos utilizados para o desenvolvimento deste artigo (CASTRO, MATTOS, 2009, BALARDINI, 2005; CASTRO, 2008; CASTRO, PÉREZ, SILVA, 2010, MENEZES, COSTA, 2012). Tal característica possibilita reverter a lógica difundida no ocidente de uma moratória social para essa camada da população, intervalo de tempo mais ou menos longo para ser reorganizado em função das mudanças físicas e psicológicas para que posteriormente pudessem exercer os papéis adultos. Em suas ações políticas, como nas atividades artísticas, os jovens se veem capazes de fazer alguma coisa com os conhecimentos e ferramentas que já possuem. “O mundo da política traz a possibilidade de um fazer

prático: planejar e realizar reuniões, campeonatos, manifestações, ir a congressos, convencer pessoas, viajar, gritar palavras de ordem (...)” (CASTRO, MATTOS, 2009: 808). Potência do agir e transformar-se que adquire relevância na vida dos jovens engajados nessas atividades coletivas, dinamismo central que funciona como motivação significativa para a continuidade das ações. A mudança de posição de espectador para ator através do agir agora viabiliza para o jovem ver-se de um novo lugar, “permitindo um sentimento de eficácia subjetiva por meio de sua contribuição social e política no presente, reforçando o sentido de pertencimento a um todo maior” (CASTRO, 2008: 260). Dessa forma, a participação política não somente traz para o presente o agir, como também as satisfações decorrentes dessa prática. Reposicionamento subjetivo que dá sentido para as experiências juvenis, o que faz com que a opção pela causa coletiva permaneça como fundamental nas suas vidas.

A articulação que o jovem irá realizar entre a prática política e o seu projeto de vida pessoal é imprescindível para a continuidade das ações militantes. Quando essas ações passam a ser encaradas como parte de sua vida assim como o trabalho, os estudos e o lazer, o exercício político deixa de ser sentido como obrigação e assume posição equiparada a atividades usuais. Para tanto, o prazer necessita estar aliado a tal prática. O exercício da política, usualmente ligado à racionalidade e a solenidades, é reinventado a partir de um envolvimento afetivo dos jovens com esse campo que passa a ganhar novos contornos e juízos. Vivências como a amizade, o divertimento e o prazer passam a ser centrais na ação política, uma vez que, para esse grupo, no contemporâneo “as causas e os projetos coletivos devem ser ‘pessoais’, no sentido de que devem sensibilizá-los, mais do que convencê-los” (CASTRO, MATTOS, 2009: 818)

Nesse viés, as condições subjetivantes estão estreitamente atreladas à participação política, pois elas tornarão compreensível o sentido e a representação da iniciativa de participar da construção e de decisões societárias. Os modos de participação estão submetidos às condições específicas de história e de cultura que estruturam a experiência subjetiva. E, quando se trata de subjetivação política, Castro (2008:254) elucida bem quando diz que se trata de “experiências de comparecimento e de adesão dos jovens a um espaço de disputas em torno do que vai mal no seu entorno e na sociedade em geral, (...)”. Esse processo rivaliza com a cultura do consumo globalizada, pois preconiza que os jovens se interroguem sobre o que está instituído e confrontem as normalizações de cada dia a fim de construir laços sociais que superem

as situações de desigualdade social, injustiça e tudo o mais que os mobilize em prol da transformação do estado de coisas ao seu redor. Os valores veiculados hodiernamente transmitem mensagens de culto ao privado, como se vivêssemos em uma ditadura do capital com uma pitada de democracia que proporciona pouco grau de autonomia. A concepção de sociedade regida pela economia de mercado legitima culturalmente o consumismo como o principal meio de realização pessoal e aprovação social. Dentro de nossa construção cultural, a compra incessante de novos produtos, bem como a centralidade na busca por sensações prazerosas dão origem à demanda por objetos descartáveis. São referenciais na moral contemporânea que produzem um ideal de satisfação ligado a uma renovação incessante dos estímulos e objetos. Trata-se de uma cultura do imediato, do descompromisso consigo e com o outro. (COSTA, 2004)

A participação política juvenil também é um espelho da dinâmica da política no contexto brasileiro atual. Tal contexto produz formas de encarcerar a política nos moldes tradicionais, sancionando apenas arranjos participativos tutorados pelos atores sociais e institucionais legitimados para tanto. Isso implica a necessidade de se repensar as formas de apropriação do espaço público pelos jovens que nem sempre são vistas como pertencentes ao campo político e problematizar o próprio sentido da política a partir de experiências habituais dos sujeitos.

O campo cultural é um exemplo dessa nova leitura entre o político, o cotidiano e suas variadas expressões. Ele é um convite à reflexão para muitos jovens que, a partir de elementos culturais como a música, o teatro, a dança, a fotografia, entre outros, veem o mundo e a própria realidade por outras lentes e se sentem provocados à ação. No estudo de Menezes e Costa (2012) sobre desafios e possibilidades para participação juvenil, as autoras apresentam o movimento hip hop e seu apelo ao cultural como dado político. A inserção nesse movimento viabiliza a instauração de um modo de vida que lhes proporciona um sentido de pertencimento através de seus códigos, territórios, valores e projetos. “Esse *ethos* mobiliza energia sociopolítica capaz de acionar recursos de poder para influir nos padrões culturais e na convivência política” (MENEZES E COSTA, 2012: 41). A aproximação dos jovens com esse movimento se dá principalmente a partir de práticas com caráter cultural (bailes *Black*, o grafite, o rap) para posteriormente terem acesso à densidade política desse coletivo. A sensibilização para questões relacionadas com as problemáticas sociais e políticas ocorre a partir da execução dos elementos culturais mediados por ideias-força: justiça e igualdade social, respeito, paz, dentre outros que oferecem direção ético-política ao movimento. A sua identidade

coletiva e sua conseqüente posição social passam por tais características. As autoras discutem as formas de enfrentamento aos preconceitos vivenciados pelos jovens, e os meios que esses jovens encontram para criar e reinventar a própria existência através do recurso ao cultural, dando visibilidade às desigualdades sociais presentes em nossa sociedade. O movimento hip hop afirma sua potência política ao inovar a linguagem participativa e, dessa forma, pode contribuir para mudanças nos modelos participativos institucionais pela proposição de novos arranjos políticos e outras formas de escuta e diálogo a fim de expandir os espaços de participação juvenil e suas possibilidades de representação nos já instituídos. No entanto, as autoras (MENEZES, COSTA, 2012) pontuam a pouca articulação desse coletivo com outros movimentos e com a política institucional, devido à dificuldade de lidar com conflitos internos e externos e a negociação decorrente, e à percepção negativa que os jovens têm dos políticos e da política. Tais dificuldades afetam o avanço da luta do movimento, pois a capacidade de negociar e localizar pontos de convergências com outros coletivos fazem parte do jogo político e da democracia. Assim, podemos perceber a importância de reconhecer os conflitos e os dissensos como parte constitutiva da política nas suas mais diversas formas e projetos.

O fato de se instaurarem equivalências com outros coletivos não significa o abandono das próprias pautas, e sim a construção de uma visão estratégica em busca de consensos temporários para a garantia de uma ação coletiva legítima que estabeleça representatividade nesses espaços institucionais para uma contra-hegemonia. Para tanto, é fundamental a desconstrução da premissa de que a harmonia é condição imprescindível para a vida em coletividade. Maheirie e colaboradores (2012) ressaltam esse entendimento quando afirmam que as práticas políticas correspondem a ações que buscam provocar ruídos em consensos. O ideal proposto para o exercício da democracia é o acordo entre as organizações para se caracterizar como prática política. No entanto, essa visão reduz a pluralidade de atores e forças e, principalmente, secundariza o papel da diversidade e das divergências como propulsores do político e da própria subjetivação política. Retomar o político “consiste, assim, em poder assumir a inexorabilidade do conflito e da contradição na convivência social afastando o mito da sociedade transparente que, através do diálogo racional, poderia chegar a definir procedimentos tidos como verdadeiros e universais para gestão da vida em comum.” (MENEZES E CASTRO, 2006: 18)

Maheirie e colaboradores (2012) se baseiam em Rancière (1996, 2009) para analisar as ações políticas a partir de sua potência litigiosa, ou seja, sua capacidade de romper com o que está dado. Compreendem o exercício político como uma experiência sensível, onde o sujeito se envolve emocionalmente com a situação pelo sentido que a mesma possui para ele. Podemos pensar que o processo mobilizatório político de jovens no contemporâneo envolve a apreensão dos processos de inclusão-exclusão de forma sensível, fazendo com que algumas pautas sejam apropriadas emocionalmente por eles. Fundamentadas na afetividade, essas experiências podem produzir rupturas que possibilitarão novas formas de o sujeito se constituir e constituir suas relações com o outro. Experiências sensíveis são situações que afetam o sujeito de tal modo que lhe provoquem uma sensação de desconforto com a sociabilidade instituída. As contradições presentes nas configurações sociais e políticas ganham relevo e tal vivência produz rachaduras nas verdades até então estabelecidas, bem como despertam o desejo de transformar. Assim, a política assume formas polimorfas e extrapola os limites da política institucional. “A política, não como instituição, mas como visão crítica da sociedade, seria o significante que batiza o ingresso do jovem em uma outra vida em que pode ver com outros olhos a si mesmo, sua própria família, os problemas que o circundam e as determinações a que está submetido”. (CASTRO, 2008: 262)

As questões que se impõem contemporaneamente à política passam pelo entendimento de que “novas experiências, nos processos de subjetivação e de objetivação, pela abertura de diferentes formas de sentir e de pensar, podem levar a novas maneiras de se (re)organizar, e apontam para múltiplas configurações dos coletivos” (MAHEIRIE *et al.*, 2012: 151). O benemérito dessas práticas se encontra na “participação como elemento-chave para operar transformação na vida dos jovens” (MENEZES, COSTA, 2012:56), o voltar-se para o outro, para o interesse público, para além dos formatos da ação política e de seus alcances institucionais.

Força política juvenil em uma campanha eleitoral

No ano de 2012 ocorreram as eleições para prefeito e vereadores em todo o Brasil. No município do Rio de Janeiro, participaram da disputa o atual prefeito Eduardo Paes, do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro); Marcelo Freixo, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade); Rodrigo Maia, do DEM (Democratas); Otavio Leite, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira); Aspásia Camargo, do PV (Partido Verde); Cyro Garcia, do PSTU (Partido Socialista

dos Trabalhadores Unificado); Fernando Siqueira, do PPL (Partido Pátria Livre); e Antonio Carlos, do PCO (Partido da Causa Operária). O candidato Eduardo Paes venceu as eleições no primeiro turno com 64,60% dos votos, e o deputado Marcelo Freixo ficou em segundo lugar, com 28,15% dos votos, alcançando o total de 914.082 eleitores.

O deputado estadual Marcelo Freixo, antes da campanha eleitoral em questão, possuía certa visibilidade por suas ações como parlamentar e como presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania, da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Em 2008, ele presidiu a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) das Milícias, que indiciou 225 envolvidos e apresentou 58 medidas concretas para acabar com esse grupo paramilitar na cidade do Rio de Janeiro. Tal iniciativa provocou a veiculação de sua imagem como um político “contestador da ordem dominante”. O processo político que levou à instauração dessa CPI serviu de base para o roteiro do filme *Tropa de Elite 2*, cujo personagem Diogo Fraga foi livremente inspirado na vida de Freixo. Este filme foi sucesso de público nos cinemas nacionais, e divulgou indiretamente um pouco da trajetória do deputado, bem como potencializou seu nome no país.

A campanha eleitoral do candidato amplificou a proposta política de Marcelo Freixo e de seu partido (PSOL) de uma forma que nem o candidato, nem o partido ou a sociedade poderiam esperar. Com um discurso de dignificação da cidade do Rio de Janeiro e com iniciativas criativas e inovadoras de fazer campanha, apostando fortemente, desde o início, na face transformadora da juventude, seu projeto político coletivo mobilizou muitos jovens. E foi essa mirada para a força política juvenil que alavancou a expressão da campanha no cenário carioca.

Para ilustrar a singularidade desta campanha, os acontecimentos com maior força de expressão foram constituídos por eventos, slogans, frases de efeito, gritos de resistência, debates, cores, música e a presença nas redes sociais, que ajudaram a produzir uma estética ímpar para essa experiência. Em 16 de agosto de 2012, foi marcada uma assembléia de jovens com Freixo no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, mas o número de jovens presentes superou as expectativas e o evento foi transferido para a praça da Cinelândia, com a presença de cerca de quatro mil jovens. A partir desse encontro, ocorreu uma mobilização para realizar um comício na Lapa no dia 21 de setembro de 2012, que contou com a divulgação espontânea nas redes sociais até

a noite anterior ao evento, com mais de 12.500 pessoas tendo confirmado presença pelas redes sociais — e nas ruas, com distribuição de 200 mil panfletos por cerca de 500 jovens. Houve também o anúncio da atividade em um programa eleitoral de TV. Segundo o *Jornal Extra online* (2012), compareceram cerca de 15 mil pessoas ao comício, apesar da chuva. Nessa matéria, Freixo diz: “A gente provou que é possível fazer uma campanha diferente. Não temos marqueteiros, ninguém veio aqui de ônibus fretado ou vai ganhar lanche. Fazemos a campanha com os valores que temos da vida (...)”.

Os movimentos que representaram a campanha podem ser lidos como uma unificação transitória, caracterizada por projetos imediatos que promovem ações coletivas envolvendo diferentes singularidades em reciprocidade naquela ação. Assim como propõem Maheirie e colaboradores (2012:152): “Acolhendo diferentes atores sociais pertencentes a diferentes movimentos, assim como cidadãos dispersos e não pertencentes a qualquer movimento social organizado (...) unificando-se em um coletivo voltado a algo comum”. No caso em questão, esse “algo comum” configurou-se como a eleição do candidato, que se apresentou como nova possibilidade no horizonte comum. A campanha eleitoral e suas derivações constituíram um coletivo permeado por um projeto vivido na prática que se afirmou pelas contrapropostas à realidade vivenciada pela população carioca.

Uma das propostas empreendedoras da campanha foram os comitês voluntários, que representavam a ideia de mobilização de cidadãos que se sensibilizaram com o programa de governo e se propunham a promover uma campanha política participativa e descentralizada. Como resultado, foram criados mais de 100 comitês residenciais com a proposta de apoiar a candidatura de Freixo, e a partir dessa mobilização foram organizados encontros periódicos dos integrantes desses comitês, que se espalharam pelos bairros da cidade, com representantes do partido, além de plenárias dos comitês divididas por zonas da cidade para facilitar a integração. Esses espaços serviram para impulsionar a campanha e também para a proposição dos rumos para a mesma. A ideia era de que, com a vitória do candidato nas urnas, os comitês pudessem se constituir em microgovernos locais, para atuar conjuntamente ao prefeito na gestão pública da cidade do Rio de Janeiro.

Entendemos que os militantes da campanha eleitoral em questão se unificaram por meio de relações sensíveis e de criações de novos sentidos, tendo como horizonte a mudança na governabilidade vigente e, a partir disso, a garantia de igualdade nas

condições sociais para todos. A voluntariedade dos jovens para participar dessa campanha demonstra a maneira como foram afetados por ela: sensibilizados pelas propostas, inseriram-se nesse projeto coletivo, tornando-o singular. Neste trabalho, apontamos a contemporaneidade da campanha ao expor que um de seus principais componentes foram os afetos do público jovem, e entendemos que essa seja uma tendência dentro das participações políticas juvenis nos tempos atuais. Seguindo a linha utilizada por autores aqui citados, participar politicamente significa envolver-se afetivamente.

Além dessas situações, palestras em universidades e, principalmente, a forte adesão nas redes sociais foram as principais ferramentas de mobilização da campanha. Os militantes se utilizaram muito da internet para fomentar discussões, problematizar a atuação do então prefeito, convocar para as atividades realizadas, extravasar sua euforia e esperança na luta pela vitória do candidato. Uma das iniciativas que mais se destacou na rede partiu espontaneamente dos eleitores de Marcelo Freixo, que acrescentaram o sobrenome “Freixo” ao próprio nome no perfil das redes sociais, dando visibilidade à campanha. A expressão Primavera Carioca², usada por jornalistas em referência à campanha de Freixo, deu origem a dois perfis criados no *Facebook* por usuários da rede. Um deles reúne 1.500 usuários e o outro, 1000 usuários. Além disso, o movimento da militância Nada Deve Ser Impossível de Mudar³ contou com mais de 10 mil seguidores no *Facebook*, a mesma rede social em que a página oficial de Marcelo Freixo registrou milhares de seguidores. Importante ainda destacar a expoente arrecadação de fundos que a campanha teve. Segundo o jornal Folha de São Paulo (2012), quase 98% dos R\$ 1,1 milhão que Freixo arrecadou, segundo sua prestação de contas, foram doados por pessoas físicas: em dinheiro, em transferência eletrônica pela internet e por trabalho voluntário estimado em reais.

No site do candidato há relatos de jovens que se mobilizaram com a campanha e colaboraram à sua maneira. Como o de Carolina, 23 anos, que produz anúncios para divulgar a campanha “Rio Bem na Fita” - que ajudava a espalhar fitas da cor do PSOL pela cidade -, assim como os bicicletaços⁴, tuitaços⁵ e outras atividades nas ruas e nas redes: “conheci as propostas de Marcelo Freixo num comício doméstico. O que me atraiu para a campanha foi um sonho, traduzido pelas palavras dele. O sonho de uma cidade mais humana, onde haja mais solidariedade entre as pessoas. E vi que era uma

campanha feita por nós mesmos, sem recursos, por isso precisávamos fazer alguma coisa para ajudar.” (*online*)

O relato dessa jovem aponta a afetividade objetivada na palavra sonho como aquilo que dá sentido à sua participação política na campanha. Além desse componente subjetivo, ela expõe o fato de poder agir com os recursos de que dispõe como atrativo para seu envolvimento com a campanha. No próximo tópico, analisaremos as trajetórias de jovens que militaram nesse processo eleitoral, assim como as mediações vivenciadas na construção do interesse pela prática política.

Uma das últimas atividades da campanha foi o abraço ao estádio do Maracanã, uma produção criativa que combinou a crítica às intervenções contrárias aos interesses da população que o estádio vinha sofrendo com o fechamento da campanha em um abraço coletivo, representando a forma como ela vinha sendo realizada. Ele alcançou o número de pessoas necessárias para dar a volta ao Maracanã. As cores, os arranjos, os *slogans* “a juventude fecha com Freixo”, “não ganho um real, estou na rua por um ideal”, “sou jovem e fecho com Freixo”, “nada deve parecer impossível de mudar”, entre outros, bem como a contribuição de vários artistas conhecidos pelo movimento cultural na época da ditadura militar que declararam apoio ao candidato, demonstram o quão marcante foi esse momento. O sobrenome do candidato conferiu identidade coletiva ao movimento, fator importante na experiência concreta de um sentimento voltado para o “Nós”. (MAHEIRIE *et al.*, 2012; GOMES, MAHEIRIE, 2011)

Marcelo Freixo perdeu as eleições de 2012, mas sua campanha foi considerada vitoriosa por integrantes do partido e pelo próprio candidato, devido à comoção que provocou nos ânimos dos jovens cariocas ao levá-los à rua para exclamarem sua força política. Em matéria do site do candidato, Marcelo Freixo afirma que “a juventude está redescobrando a política nestas eleições. Ela é a principal força de nossa campanha e continuará tendo papel primordial quando assumirmos a Prefeitura.” Durante toda a empreitada os jovens tiveram um papel decisivo, seja nas ruas, na mídia, na publicidade, nas redes sociais e nas urnas. Eles tiveram inclusive o papel de impulsionar a campanha do candidato entre os mais velhos, agindo como mediadores significativos nesse processo. Essa ação revela uma das principais potências identificatórias na aproximação com o campo da política, o poder ser um agente transformador.

No ano de 2013, a partir do Movimento Pelo Passe Livre para revogação do aumento das tarifas do transporte no Brasil, mais uma vez milhares de jovens das diversas capitais do país foram às ruas protestar pelo transporte público, contra os

gastos com as preparações para a Copa do Mundo no Brasil a se realizar em 2014, contra a corrupção e por melhorias na saúde, transporte e educação. Em junho desse mesmo ano, especialmente, as manifestações chegaram ao seu ápice, gerando grande repercussão nacional e internacional, e com muitos conflitos violentos entre manifestantes e polícia. Mesmo depois das reduções dos valores das passagens em várias cidades, houve um pico com mais de 1,4 milhões de pessoas nas ruas, segundo os maiores jornais de circulação nacional. O *slogan* “*Não é só por 20 centavos*”, que fazia referência ao valor do último aumento nas tarifas de ônibus urbanos, tomou os cartazes dos jovens brasileiros presentes nessas manifestações.

Podemos apontar como efeitos positivos desses movimentos a possibilidade de os cidadãos, jovens principalmente, perceberem o potencial de transformação que há na luta política e na tomada dos espaços públicos. Como afirma Castro (2009: 485), “as ações dos jovens no cenário urbano reivindicam outras formas de participação social e política por meio do estabelecimento de coletivos cuja marca parece ser a mobilização das paixões e dos afetos”. Por tudo que foi relatado aqui sobre a campanha, é notório que o motor dessa iniciativa foram os afetos, e também mobilizados por esse coletivo, nos sentimos provocados a conhecer as motivações e a trajetória dos jovens atores desse momento.

Uma campanha eleitoral: novas perspectivas para os jovens

O trabalho de campo que discutimos a seguir refere-se a uma pesquisa qualitativa com base em um roteiro usado para sinalizar o andamento das entrevistas. Tal opção metodológica permite o aprofundamento de questões que apareçam como relevantes para o estudo. Dessa forma, foram realizadas entrevistas com três jovens, dois do sexo masculino e uma do sexo feminino, de classe social média e média alta, moradores da Zona Oeste e Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, com as seguintes idades: dois de 25 anos e um de 31 anos⁶. Como mencionado acima, foram escolhidos a partir de suas participações nos comitês voluntários da campanha eleitoral do candidato Marcelo Freixo.

O roteiro das entrevistas teve como objetivo ressaltar os aspectos biográficos, com o interesse voltado para as transformações subjetivas relacionadas com a adesão à campanha, as motivações dos jovens participantes, a percepção deles sobre a repercussão desse processo eleitoral entre a juventude, e contou com um tópico

conclusivo sobre o que eles achavam do cenário político atual. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Os entrevistados trouxeram histórias de vida bem similares em relação ao nível de escolaridade e ao envolvimento pregresso com a política. Todos já tinham participado, mesmo que pontualmente ou de forma hesitante, de alguma ação política. Os três possuem pós-graduação completa, além de serem professores. Um deles se destaca por ser professor de educação física e os outros dois de história. No entanto, os caminhos até chegarem a este espaço foram bem diversos. Esses jovens já tinham proximidade com os apontamentos realizados por Freixo através da profissão escolhida e de suas histórias de vida.

Em relação à similaridade entre as histórias de vida, os participantes pontuaram que o programa do partido tem como desafio, vislumbrado após a campanha, atingir camadas mais pobres da população, pois houve a avaliação de que faltou enraizamento popular para o alcance de um maior número de votos.

Outro aspecto a ser ressaltado nesse processo é a dimensão pedagógica da luta política, que foi afirmada pelo candidato inúmeras vezes e reiterada por seus militantes. Essa luta pedagógica não se trata de uma pedagogia com o cunho evolutivo e doutrinador que segue o padrão educacional, em que o adulto ensina e o jovem aprende, com pouca ou nenhuma interação. O discurso veiculado pelo parlamentar é portador de um potencial emancipatório que rompe com o ideal identitário e centra-se nos possíveis que não estão dados. O candidato, quando discutiu tal proposta, aproximou-se da noção de subjetivação política aqui trabalhada, uma vez que prevê espaços para a escuta das vozes juvenis, a fim de legitimar tal público como interlocutores qualificados para a luta política, focalizando o que eles pensam, dizem, fazem no agora para a construção societária, bem como trabalhando para desnaturalizar pensamentos e ações tidos como partes inexoráveis da sociedade. (CASTRO, 2009)

Acho que ele [Freixo] ensinou muito bem pra gente, assim, como fazer uma luta democrática, como compreender realmente essa dimensão dos direitos, discursos assim que nunca, nunca me atraiu assim, sabe, na verdade eu nunca me dediquei à questão mais específica dos direitos humanos e de repente isso ganhou uma dimensão muito importante na minha vida... Ele também é muito bom, assim, em sintetizar problemas complexos e isso, ajuda a gente, né, a traduzir nossas angústias em caminhos (...) (M., feminino, 25)

Veicular essa noção ampliada de política e alternativas de se pensar os problemas cotidianos a partir de uma espécie de pedagogia é um desafio dentro da

lógica de dominação dos governantes atuais. O que fez com que essa campanha eleitoral mobilizasse principalmente o segmento juvenil? O que, na visão dos entrevistados, incitou os jovens a se engajarem em tal processo? Essas questões possibilitam ter uma noção do que, na realidade nacional contemporânea, afeta as sensibilidades desse público e o convoca à ação política, assim como permite conhecer o que foi significativo nesse processo de mobilização política de jovens, diante das transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Como discutimos anteriormente, os jovens subjetivam-se politicamente por meio de práticas não antecipadas, como suas experiências na cidade e culturais. A esperança de romper com o quadro social e político hegemônico, personificada na figura do candidato e objetivada em seu programa de governo, forneceu a base para as ações compartilhadas e moveu os jovens cariocas em direção a tal identificação coletiva e à formação de um “Nós”. O fato de ter sensibilizado principalmente a juventude foi contextualizado historicamente pelos militantes entrevistados, com a compreensão de que Freixo, a organização e proposta de sua campanha catalisaram os anseios e críticas direcionadas ao sistema democrático representativo e ao que vinha ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro. Assim, esse processo eleitoral simbolizou uma alternativa aos espaços instituídos, bem como à governabilidade atuante:

A campanha do Freixo representou algo cíclico que vem, que ocorre historicamente tanto que há uma renovação da geração de está fomentando a eleição (...). Então tem aquela vontade, aquela esperança de ter alguém que possa resolver, né, possa de fato representá-lo, aí o Freixo vem como essa possibilidade, em cima eu acho, do caráter ético, nos seus posicionamentos firmes e coerentes a pontos polêmicos (...). (M., masculino, 31).

Foi a questão do Marcelo poder ser algo novo, o que eles não tinham, eles buscavam, tinha essa esperança, né, e por isso ele talvez tenha maior representatividade, maior força na juventude (...) (M., masculino, 31).

O desejo de transformação social e de viver outra realidade política foi projetado na figura do deputado estadual que representou novas estratégias de intervenção no espaço público. Portanto, a ideia de transformação da sociedade se manteve nesse processo eleitoral como fator que convocou os jovens à ação (CASTRO, 2008; CASTRO, PÉREZ E SILVA, 2010). Muito foi dito sobre os afetos animarem o campo da participação política, ao invés de atitudes racionais e previamente ensaiadas, e a esperança, neste caso, foi o sentimento primordial que conduziu a essa experiência. A partir das falas dos jovens participantes da pesquisa, percebemos que além do

envolvimento político, houve uma relação socioafetiva com a campanha, manifestada na disposição voluntária para o êxito do processo e no prazer relatado em participar dos eventos e em estar juntos, criando novas linguagens e ferramentas de militância. Além desse componente subjetivo, a possibilidade de intervir no processo, de se sentir parte ativa do programa da campanha, exerceu importante significado na adesão ao movimento. Essa característica assume centralidade na fala de uma das participantes (M., feminino, 25), que percebe sua participação na campanha como direcionamento para uma angústia pessoal devido ao grande investimento de tempo e afeto nos estudos sobre democracia participativa e suas críticas ao liberalismo e capitalismo que lhe pareciam inócuas dentro da realidade de seu país, por não enxergar meios para vivenciá-las. Assim, seu conhecimento teórico exerceu mediação significativa para sua participação na campanha e esta correspondeu aos seus desejos e anseios. “Ressaltamos que para os jovens a ação assume uma dimensão supervalorizada, já que é ela, justamente, que lhes confere expressão singular como sujeitos no mundo comum. Agir significa não apenas fazer, mas também ser” (CASTRO, MATTOS, 2009: 9).

M. (feminino, 25) afirma: “acho que ele conseguiu transformar essa certa desmotivação em alguma coisa que fazia sentido.” Para que a ação possa “fazer sentido”, é preciso que articule-se com as referências subjetivantes, afetando os sujeitos de maneira sensível, implicando-os na produção de novos sentidos.

O processo de subjetivação política na campanha eleitoral

Nas entrevistas, os sujeitos falaram de suas trajetórias de vida, destacando o que singulariza seu engajamento político. M. (masculino, 31) afirma que iniciou sua participação política através da figura de um tio que era filiado a um partido. O próprio jovem conta que se filiou ao PT em 2000, mas se afastou em 2008 para realizar outras atividades políticas. Apesar de dar centralidade à figura do tio como alguém que viabilizou essa aproximação com o campo da política, ele relata que se filiou ao PT por decisão própria. Houve um movimento de apropriação subjetiva desta decisão, relacionando-a com sua infância, dizendo sempre gostar dessa atividade. Contou que aos nove anos concorreu a uma eleição mirim para presidente do grêmio estudantil de sua escola. Essas ações políticas se estenderam por toda a sua vida estudantil, organizando debates no ensino médio e na faculdade.

É interessante, na história de M., que ele iniciou no processo eleitoral de 2012 também como mediador entre os candidatos para organização de debates, sem estar

vinculado a um partido. Quando foi à sede do PSOL em uma plenária para encontrar com a assessoria do Freixo com o fim de mediar um encontro com candidatos de outros partidos, afirma que se encantou de tal maneira com aquele momento, que decidiu retornar para política partidária e assumir uma posição pessoal publicamente nas eleições e lutar por ela. Sobre sua impressão na plenária, que aconteceu antes da formação dos comitês, ele afirma:

As pessoas estavam indo lá por conta própria, ‘estou aqui porque quero ajudar a campanha’ (...) E aí vendo aquilo de novo né? Eu me lembro como se fosse agora, olhando, eu fiquei paralisado olhando, aquela chama que estava meio que apagada reacendeu. As pessoas estão acreditando de novo na política, partidária, na política eleitoral. Caramba! Existe possibilidade novamente.

Mais uma vez, vemos que a sensibilização pela causa é mais importante do que ser convencido por ela. Este participante demonstra que mesmo com conhecimento prévio sobre as ideologias e atividades políticas, essa variável não foi determinante para seu retorno. M. (masculino, 31) pode ser visto como um exemplo na contramão do conceito de socialização política, muitas vezes utilizado para analisar a relação entre jovens e política. Este enfoque é pautado na perspectiva de desenvolvimento individual e na aquisição de habilidades para posterior ingresso nas atividades políticas. Dentro desse viés existe uma gama de comportamentos e atitudes politicamente relevantes para produção de um perfil político de adulto. No entanto, ainda que o jovem tenha tido acesso ao repertório indicado no âmbito da socialização para alinhamento dos jovens com os valores cívicos e para prevenir adultos politicamente desinteressados, M. relata que foi necessário singularizar esses dados, transformando-os em uma demanda subjetiva e que o que pesou para seu engajamento na campanha em tela foram os afetos que ela despertou nele.

M. (feminino, 25), por sua vez, relata que a aproximação com a campanha eleitoral aconteceu através de um amigo, ao dividir com ele suas indignações, em especial em relação à construção da usina hidrelétrica de Belo Monte e seu impacto no território do Xingu. M. dizia que precisavam fazer algo para levar ao conhecimento da população essas questões ambientais e etnocêntricas, e seu amigo sugeriu a campanha eleitoral de Marcelo Freixo e a proposta de construção de comitês de bairro. Com isso, fundaram o comitê da região de sua residência e passaram a dialogar com as pessoas e a participar ativamente da campanha.

Podemos ver a importância das identificações fortuitas, com o tio, com o amigo, com a proposta da campanha, que lhes despertaram o desejo de apostar neste caminho político. “O agir na direção do desconhecido significa a aposta em descobrir o sentido e a eficácia da sua ação no depois, a ação a precipitar, aos poucos, os acontecimentos” (CASTRO, MATTOS, 2009: 5). Essas vivências aconteceram de forma experimental, a fim de provar situações inéditas, uma vez que há o cansaço diante do cenário vivido. No caso de M. (feminino, 25), também havia o desejo de dar uma dimensão prática a todo aprendizado e conhecimento obtido no seu processo acadêmico. Houve, anteriormente a essa tentativa, a aproximação com o movimento estudantil e com o movimento secundarista. No caso do movimento secundarista, a entrevistada também foi sensibilizada por um amigo de um colégio público, mas, diante da distância geográfica das escolas e do conservadorismo de seus pais, que não permitiam que ela participasse, acabou se afastando. Além de considerar tal movimento muito burocrático e centralizado, ela não sentiu uma identificação com as ações desse coletivo.

Podemos observar nesse processo de subjetivação política a hesitação e ambivalência da entrevistada na sua aproximação com o campo da política de uma maneira geral, bem como os conflitos pessoais gerados diante do desagrado da família com seu comportamento. Dessa forma, a necessidade de reafirmar essa escolha é muito maior, o que aconteceu pela via dos estudos e, mais tarde, com o engajamento nas eleições. É resistindo que o indivíduo se afirma como sujeito, e é isso que esses jovens enfatizam ao relatar o envolvimento afetivo com a causa e o prazer decorrente, “os espaços de luta e de discussão política constituem um referencial importante para a formação de identidades juvenis, para além daquelas comumente consideradas, como a família e a escola.” (CASTRO, 2008: 260). “A gente foi conhecendo muita gente e como assim, uma, uma fagulha que a brisa bate um vento e vira um incêndio, sabe, foi mais ou menos isso que aconteceu porque muita gente que tava, né, naquela fragmentação, isolado, viu um espaço legal” (M. feminino, 25)

A sociabilidade, as amizades e as emoções são o que sustenta a ação política desses jovens, diante dos conflitos e renúncias. M. (masculino, 31) conta que perdeu a oportunidade de estar nos Estados Unidos como treinador de futebol naquele ano, assim como adiou seu desejo de fazer mestrado, em prol de participar do momento de lutas crescentes que o país vivia. É, de fato, uma causa pessoal; sua forte identificação com o campo da política permite que tais demandas sejam ressignificadas e que a militância seja encarada como parte essencial de sua vida. Ele fala com alegria e entusiasmo de

suas ações e das condições de luta atuais do Brasil. Esses sujeitos nos mostram que o processo de subjetivação política vivenciado por eles e os sentidos produzidos os levaram a confiar seus afetos e desejos à campanha do Marcelo Freixo.

A história e motivação do participante B. (masculino, 25) são parecidas com a de M. (feminino, 25), pois ambos se respaldam nas diversas leituras que tiveram sobre teoria marxista, socialista, tidas como de esquerda. Este também afirma que percebia a realidade brasileira muito distante dos preceitos centrais desses teóricos, e a partir da associação que fez entre o que estudou e o discurso do candidato, ele se identificou com a proposta e se sentiu motivado a participar.

Os comitês voluntários são apontados pelos entrevistados como exemplos de como a campanha se configurou em um movimento de resistência, ao proporem atividades que transcendiam o objetivo eleitoral. Contaram com atividades como panfletagem, organização de debates, atividades de rua, reuniões, mas inovaram com ações que iam além disso. “Era fomentando através da campanha, utilizando a campanha para fomentar política. Política cultural, política ambiental, política local. A intenção era utilizar a campanha, para a campanha, mas para muito além da campanha” (M. masculino, 31). Às próprias atividades convencionais como a panfletagem, eles atribuíram novas conotações e arranjos a partir do diálogo que buscavam manter com a população. O relato de B. (masculino, 25) é interessante nesse sentido:

Teve uma senhora que pegou um panfleto meu e falou: ‘Olha, eu to pegando isto aqui só pra te ajudar o teu trabalho’, aí eu falei: ‘não, mas não é o meu trabalho, meu trabalho é outro, meu trabalho é minha pesquisa de mestrado, não é que... Eu tô aqui por ideal mesmo’, aí ela: ‘É mesmo?’ E começou a me ouvir. Aí ela viu que aquela prática política diária que a gente tava fazendo, cotidiana, não era a mesma em que ela tá sofrendo toda a vida dela, né, desde que nasceu. Era uma coisa diferente.

Esse exemplo pode ser visto como desencadeador do político, pois naquele momento interrompeu toda uma lógica eleitoral e uma imagem negativa dessa prática. Os descréditos crescentes nos partidos políticos, sindicatos e outras formas tradicionais de participação geram essa repulsa que muitos cidadãos brasileiros sentem quando o tema é política. O depoimento de B. nos oferece uma oportunidade de reformular o que seria o espaço político, pois provoca uma rachadura no entendimento da eleitora sobre campanhas eleitorais. Com isso, a política, aqui entendida como o campo da discussão e dos acordos sobre questões comuns, faz-se presente nessa situação como a instauração de um litígio (MAHEIRIE *et al*, 2012). Em outro momento, M. (feminino, 25) fala dos debates na rua, em que eles iam para estações de ônibus do BRT e questionavam as

limitações desse meio de transporte. Era uma ação que possibilitava um duplo movimento de transformação, de si e do outro: “era muito interessante, porque mobilizava a gente a pensar num projeto de cidade, de tanto questionar aquele projeto.” A adesão ao campo da ação política faz emergir outra visão de si, do outro e do futuro. Abre brechas para a construção de diversas significações para sua própria ação no mundo, ampliando o campo identitário institucionalizado para seu desenvolvimento.

Após a campanha, os comitês se desdobraram em *coletivos*. Maheirie e colaboradores (2012:153) apresentam uma definição de coletivo que se aproxima do que foi trazido pelos entrevistados em relação à ideia de coletivos: “é ação e reflexão ao mesmo tempo, sendo capaz de pensar suas estratégias na direção de uma práxis, atuando sobre o Eles, na mesma medida em que atua sobre o Nós”. Esses coletivos, frutos dos comitês, são suprapartidários e realizam uma gama extensa de atividades sociais, políticas e culturais. Um deles, por exemplo, viabilizou um jornal local, com a intenção de democratizar a comunicação, proporcionando formação política para os seus integrantes e convidados, e promovendo atividades de oficina na praça ou em colégios, que eles chamam de Coletivo Ilha do Governador (Colig) na praça.

A gente levou o instituto que faz esse trabalho voluntário lá do Jardim América, para fazer lá um trabalho de atendimento inicial, porque as pessoas não têm, porque lá não tem posto de saúde, mas levantamos essas questões. Você não tem posto de saúde aqui, por quê? Você sabia que é um direito seu, com panfleto tentando informar isso. Qual o objetivo? Levar aquela demanda e através daquele atendimento, debater provocar o debate daquela necessidade. Não ficar só fazendo atendimento assistencial. Debater porque eles estão sendo atendidos pela a gente e não pelo poder público que é obrigação. (M. masculino, 31)

Esta fala corrobora as ponderações teóricas que tratam do caráter político do trabalho solidário e voluntário, pois o significante *solidariedade* encontra-se presente nessas ações tanto quanto a sua potência política, uma vez que há a reflexão e a tentativa de abrir brechas em situações naturalizadas como a falta de tal serviço público. Nesse contexto, o trabalho solidário assume uma perspectiva não beneficente, diferença discutida pelas autoras Castro, Pérez e Silva (2010), ao avaliarem a solidariedade como um valor, posição ético-política frente ao outro e às desigualdades sociais. Estes jovens criaram e discutiram juntos as propostas de ação que realizaram, e esse movimento já diz dos efeitos subjetivos políticos que esses coletivos possuem, pois nesse agir aparecem os embates, os dissensos e a necessidade de dialogar para chegar a um denominador comum. Além disso, tal ação pode exercer mediação significativa para a população-alvo questionar a diferença entre classes sociais, inaugurando possibilidades

de participação política. Nesses casos, não há uma negação da política institucionalizada como caminho possível, tampouco uma concentração somente nas tarefas executadas, mas se evidencia a complexidade dos vínculos de engajamento, uma vez que as formas de participação não são excludentes e, diante da sociedade multifacetada que vivemos, necessitamos de um mosaico de lutas para fazer frente a tantos impasses.

Depois que as eleições passaram e a derrota nas urnas estava dada, a figura de Freixo “meio que foi para escanteio”, conforme a fala de um entrevistado. E o que ficou? Quais foram os desdobramentos? Os entrevistados pontuam que nesse processo eleitoral se tratou de um amplo processo político.

A derrota eleitoral não foi uma derrota política, pelo contrário, gerou aí muitos filhos dessa Primavera Carioca, que se colocaram justamente a partir daquele momento a continuar atingindo esses objetivos, que é transformar o mundo, né, a partir de espaços mais democráticos, de espaços com maior diálogo, de espaços libertários que viabilizem realmente alcançarmos aí esse projeto de uma cidade de direitos. (M. feminino, 25)

Os objetivos declarados para participar da campanha estão diretamente relacionados com as motivações e com as condições subjetivantes presentes na vida desses jovens. O ponto central que pode incitar os jovens à ação política encontra-se nas práticas sociais e culturais em que esses sujeitos se constituem. Quando B. (masculino, 25) afirma que sua intenção foi a de colocar em prática tudo o que estudava, e que essas teorias tinham um conteúdo específico que se expressava no denominador transformação radical da sociedade, ele explana que esse processo de aprendizagem engendrado contribuiu para seu engajamento na campanha. Este fato dá sentido e ilumina os contornos e as representações da luta, para ele: “Educação de qualidade, saúde de qualidade, tudo isso que tava sendo vislumbrado na campanha do Freixo pra prática e eu já tinha dentro de mim na teoria, eu consegui ver aí um respaldo e meu objetivo era botar isso pra frente (...)” (B. masculino, 25).

Essas considerações também cabem para as declarações de M. (masculino, 31), para quem lutar foi posto como seu objetivo. No momento desse questionamento, ele hesitou e disse que sua participação não teve uma finalidade clara, só posteriormente, em um processo de análise do seu percurso, expressou que a luta política direcionou seu engajamento na campanha, intento que o acompanha por anos. A ação lhe revelou, aos poucos, seu intento. “Ali eu percebi que era uma oportunidade de se criar uma, uma participação popular pra eleger alguém que pudesse de fato possibilitar a representatividade das pessoas [...] você tem que buscar alguém que possibilite a

participação das pessoas, foi esse o objetivo de contribuir com o processo eleitoral.” (M. masculino, 31)

As condições históricas e políticas atuais permitiram a ele perceber que essa ideia do político que fala em nome de todos, representando a maioria, é obsoleta, e mostrou sua insuficiência. A constituição desses espaços democráticos na campanha viabilizou a escuta e a potencialização da voz da sociedade civil, dialogou com os cidadãos e fez esses jovens sentirem a esperança de renovação. “As ferramentas dadas estavam, sei lá, viciadas, né, estavam de alguma forma desacreditadas, aqueles caminhos ali eram muito espinhosos, então tinha que ter muita coragem realmente para enveredar por ali, ele [Marcelo Freixo] apresentou um caminho diferente, um caminho do século 21, entendeu, um caminho atualizado” (M. feminino, 25)

O fato de os entrevistados perceberem que havia espaços onde eles seriam não somente ouvidos, como atores da campanha, que poderiam intervir no processo, traz a riqueza da ação no presente discutida anteriormente, onde eles se deslocam da posição de subordinação intergeracional e educacional vivenciada pelo segmento juvenil na cultura brasileira e se posicionam como interlocutores legítimos. “Isso realmente atraiu as pessoas, porque a gente se via como parte daquilo, como protagonistas também e não simplesmente como cabos eleitorais, então, isso foi muito convidativo.” (M. feminino, 25). Esse agir prático a partir das ferramentas e valores de que se dispõe no presente traz o sentimento de consistência do ser, como Castro e Mattos (2009) propõem.

A necessidade de se construir unidades ou consensos, mesmo que temporários, para ter representação nos espaços políticos é legítima e não rejeita a diversidade das lutas, “no sentido de criar pontos de convergência, de articulação, que gerem força sociopolítica o suficiente para instaurar mudanças significativas na vida dos jovens.” (MENEZES, COSTA, 2012: 58). Podemos afirmar que o ponto de convergência nessa campanha foi o reconhecimento social e político do candidato Marcelo Freixo, que produziu uma cadeia de equivalências fundamental para a construção da mudança. Os movimentos sociais, sociedade civil, jovens, todos os envolvidos na campanha, deixaram de levantar suas bandeiras para levantar a bandeira da candidatura do deputado, sem se desvincular de suas identidades coletivas. Por ter representatividade política em diversas frentes de luta, Marcelo Freixo construiu, em sua candidatura em 2012, uma ponte entre diferentes grupos. Assim, ele conseguiu se projetar e preencher certos “buracos” que há muito se instalavam nas perspectivas políticas eleitorais de

parte da população carioca. Ele viabilizou oportunidades de conexão e ação conjuntas de diversas pessoas e grupos, mesmo que por alianças provisórias e conjunturais.

Essas estratégias de luta, além de serem necessárias para o alcance de certos objetivos e condizerem com as demandas atuais, podem afetar de maneira especial cidadãos dispersos que participaram excepcionalmente desses momentos mais efêmeros e torná-los simpáticos a determinadas causas, pertencentes a um movimento ou iniciar a construção de outros coletivos.

Considerações finais

No decorrer desse trabalho, foram observadas as relações entre as trajetórias de jovens e o envolvimento com determinadas causas que os mobilizam para ação e participação política na sociedade. As formas de participação e engajamento político enveredam por caminhos diversos, mas o que os convoca à ação parece ser o ponto de convergência entre eles: o mal-estar frente à realidade vivida e o desejo de transformar essa situação.

Além dessas constatações, os afetos e a sensibilização pela causa apareceram como aspectos centrais na discussão sobre participação política juvenil e, nas entrevistas, demonstraram ser a principal argamassa dessa construção subjetiva. O processo de subjetivação política desses jovens está atrelado às práticas culturais, sociais e econômicas em que eles se encontram envolvidos. Os formatos de suas práticas e os sentidos que atribuem a elas também estão relacionados com as condições subjetivantes vivenciadas. Vimos também que a reconstrução ideativa, afetiva e discursiva sobre o diferente e o que vai mal ao seu entorno e na sociedade em geral indica um processo de transformação de si e da relação com o outro, pois renova e amplia possibilidades de adesão dos jovens a espaços políticos.

A campanha eleitoral analisada se afirmou como dispositivo de subjetivação política a partir da força de atuação sobre seus atores, que confiaram nela a possibilidade de mudança do *status quo*. O processo de subjetivação política já havia sido engendrado na vida dos jovens entrevistados, a partir das condições objetivas e subjetivas relatadas. No entanto, a campanha em discussão trouxe um direcionamento para os anseios dos entrevistados e para parte da juventude carioca: a candidatura de Marcelo Freixo, que representou esperança e renovação para esses jovens incomodados com o poder corporativo dominante e com a situação política vigente. Essa comoção

que a campanha do deputado causou nos ânimos juvenis possibilitou uma articulação importante para proposição de contrapropostas. Esses militantes da campanha foram além do sentimento de revolta com a realidade atual e se uniram em prol dessa eleição, uma vez que se sensibilizaram com o discurso do candidato, que traduziu em palavras as críticas que estes jovens já vinham estabelecendo.

Essa união em torno da eleição do candidato viabilizou outros coletivos e a elaboração posterior de organizações, pautas e metas que foram além da campanha. Porém, se pensarmos na quantidade de jovens presentes nos eventos simbólicos da campanha, o desdobramento dela vai além dessas ações concretas expostas aqui. Não há como afirmar todos os reflexos desse momento político, mas pela amplitude da campanha entre esse segmento, podemos conjecturar que ela foi um terreno para a subjetivação política de muitos jovens.

A análise das entrevistas apresentou a relevância do processo de subjetivação política pelo seu potencial litigioso, uma vez que tais experiências contribuíram para os jovens questionarem o estado de coisas e saberes ao seu redor, ao invés de perpetuá-los. Assim, vimos que a participação no campo da política que ocorre através do processo aqui discutido nos oferece outros atores políticos, outras ações, outros arranjos e outros sentidos, diferentes dos legitimados convencionalmente como parte do universo da política. Provocar essa fissura nas fronteiras instituídas do político é fundamental para o reconhecimento social das variações desse agir, bem como para ampliar as alternativas de inserção e participação do jovem no espaço público.

Referências

- BALARDINI, Sérgio. Que hay de nuevo, viejo? *Revista de La Cepal*. Santiago de Chile, n° 86, p.96-107, agosto/2005. Disponível em: http://www.nuso.org/upload/articulos/3299_1.pdf Acessado em: 10 de novembro de 2012.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013 .Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude- SINAJUVE. **Diário oficial da União**, Brasil, 6 ago. 2013. P.1.
- BUTLER, Udi Mandel., PRINCESWAL, Marcelo. Culturas de participação: jovens e suas percepções e práticas de cidadania. *O Social em questão*. Rio de Janeiro, Ano XV, n° 27, p. 101-126, fevereiro/2012. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Butler_Princeswall1.pdf Acessado em: 25 de outubro de 2012

- CASTRO, Lúcia Rabello de. Entre a subordinação e a opressão: Os jovens e as vicissitudes da resistência na escola. In: MAYORGA, Claudia, CASTRO, Lucia Rabello de, PRADO, Marco Aurélio Maximo (Org.) *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. p. 63-98
- CASTRO, Lúcia Rabello de; PÉREZ, Beatriz Corsino., SILVA, Conceição Firmina Seixas. “Trabalho Solidário”: em busca de outros valores para participação política. *Revista Praia Vermelha*. Rio de Janeiro, Vol. 19, nº 1, p. 109-124, Jan-Jun 2010.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. Juventude e Socialização Política: Atualizando o debate. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, vol. 25, nº 4, p. 479-487 Out- Dez/ 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n4/a03v25n4.pdf>. Acessado em: 15 de outubro de 2012.
- CASTRO, Lúcia Rabello de, MATTOS, Amana Rocha. O que a política tem a ver com transformação de si? Considerações sobre a ação política a partir da juventude. *Análise social*. Lisboa, Portugal, vol. XLIV, nº193, p.723-823, 2009. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1260461328M1jFM7cp0EI76KE1.pdf>. Acessado em: 10 de março de 2013.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*. Vol. 16, nº 30, p.253-268, Jun de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v16n30/15.pdf> Acessado em: 07 de setembro de 2012.
- CASTRO, Lúcia Rabello de, MENEZES, Jaileila de Araújo. Vicissitudes da subjetivação política juvenil na contemporaneidade. *Psicologia Política*. São Paulo, Vol. 6 nº11, p. 13- 34, jan/jun, 2006. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/rpp. Acessado em: 20 de setembro de 2012.
- CARTA CAPITAL. “Uma política diferente é possível e necessária”, diz Marcelo Freixo (PSOL). Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/uma-politica-diferente-e-possivel-e-necessaria-diz-marcelo-freixo-psol/>. Acessado em: Dezembro/ 2012
- COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da Juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina, VANNUCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p 75-88.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Cariocas votaram em Freixo com a urna e o bolso. Dezembro/ 2012. Disponível em: <http://ocustodovoto.blogfolha.uol.com.br/2012/12/31/cariocas-votaram-em-freixo-com-a-urna-e-o-bolso/> Acessado em: Janeiro/2013
- GOMES, Marcela de Andrade; MAHEIRIE, Kátia. Passe livre já: participação política e constituição do sujeito. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 11, n. 22, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2011000200012&lng=pt&nrm=iso. Acessado em : Março/ 2015.

- MAHEIRIE, Kátia et al. Coletivos e relações estéticas: alguns apontamentos acerca da participação política. . In: MAYORGA, Claudia, CASTRO, Lucia Rabello de, PRADO, Marco Aurélio Maximo (Org.) *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. p. 143-168.
- MAYORGA, Claudia, CASTRO, Lúcia Rabello de, PRADO, Marco Aurélio Máximo. Juventude e os Paradoxos da Política. In: MAYORGA, Claudia, CASTRO, Lucia Rabello de, PRADO, Marco Aurélio Maximo (Org.) *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. p. 261-275.
- MARCELO FREIXO. Cada um faz o que pode- Carolinna seco, 23 anos. Setembro/2012. Disponível em: <http://www.marcelofreixo.com.br/portal/extra/be050912-3.htm> Acessado em: Janeiro/2013
- MENEZES, Jaileila de Araújo, COSTA, Mônica Rodrigues. “Festa estranha com gente esquisita”: desafios e possibilidades para a participação juvenil. In: MAYORGA, Claudia, CASTRO, Lucia Rabello de, PRADO, Marco Aurélio Maximo (Org.) *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. p. 35- 62.

Beatriz da Silva Mattos

Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho, especialização em Psicologia Jurídica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Email: bia-smattos@hotmail.com

Amana Rocha Mattos

Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Email: amanamattos@gmail.com

¹ Este artigo é resultado da monografia de conclusão de curso realizada por Beatriz da Silva Mattos e orientada pela professora Amana Rocha Mattos no Curso de Especialização em Psicologia Jurídica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² O termo “Primavera Carioca” faz alusão à “Primavera Árabe”, protestos e revoluções nos países árabes em que a população foi à rua para derrubar ditadores e reivindicar melhores condições sociais de vida.

³ Trata-se do *slogan* da campanha que faz referência ao poema “Nada é impossível de mudar” do poeta alemão Bertolt Brech.

⁴ Passeio de bicicleta com o candidato, organizado em apoio à campanha. A ideia também é discutir o modelo de transporte utilizado pela população da cidade. O ato contou com 300 pessoas, segundo o site do partido.

⁵ Ação no *Twitter*, rede social, através de *hashtag* #vaitersegundoturno, #ligaçãocomfreixo, entre outras, com o objetivo de dar visibilidade à questão e promover o debate via web.

⁶ O jovem entrevistado, na ocasião de sua militância na campanha eleitoral, estava com 29 anos. O Estatuto da juventude(Lei. 12852) compreende como jovens aqueles indivíduos com idade entre 15 e 29 anos.